

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. **Arquitetura e Educação: Organização do Espaço e Propostas Pedagógicas dos Grupos Escolares Paulistas, 1893/1971.** São Carlos: EdUFSCar, 2002. 174 p.

Mônica Pereira¹

Ester Buffa é doutora em educação pela Université René Descartes, Paris V. É professora titular aposentada da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e, atualmente, professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFSCar e da Universidade Nove de Julho (UNINOVE/SP). Em sua trajetória acadêmica, publicou vários artigos e escreveu diversos livros na área de educação. Gelson de Almeida Pinto é formado em arquitetura pela PUC Campinas, é mestre em Arquitetura pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos-USP e doutor pelo programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAU/USP. É professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP e autor de vários projetos arquitetônicos.

O livro *Arquitetura e Educação* é resultado de pesquisas realizadas sobre os Grupos Escolares Paulistas, em que foram analisadas a organização do espaço escolar e as propostas pedagógicas no período de 1893 até 1971, ou seja, da criação do primeiro Grupo Escolar até sua extinção o que ocorreu com a aprovação da Lei 5692/71. A pesquisa deu enfoque ao órgão público responsável pela construção e planejamento dos prédios, aos principais arquitetos e à influência de concepções pedagógicas.

A obra apresenta uma retomada histórica da educação brasileira muito significativa pela sua riqueza de detalhes, assim também como uma excelente caracterização da sociedade em cada período e os avanços da arquitetura brasileira. O livro nos mostra a enorme importância da união entre arquitetos e educadores quando da elaboração de projetos de prédios escolares.

O primeiro capítulo focaliza a temática no período de 1890 a 1920, denominado, pelos autores, como o período em que há um prestígio visível na construção de prédios para grupos escolares. A boa fase econômica do país na época e a obra dos republicanos paulistas permitiram a construção de diversos prédios escolares de grande requinte. A linguagem arquitetônica destes prédios retomava a antiguidade greco-romana.

O Grupo Escolar era facilmente identificado pelo seu tamanho e fachada, possuindo, às vezes, dois andares com separação de meninos e meninas por pavimento, galpão e sanitários isolados, biblioteca, anfiteatro e laboratórios. Estes edifícios eram sempre instalados em área central, próximos à igreja matriz e à praça central.

O currículo também sofre algumas transformações não sendo somente voltado para ler, escrever e calcular. Começa se perceber a necessidade de formação integral do aluno (física, intelectual e moral), influenciada pelos ideais iluministas da França (século XVIII) que propõem uma educação com um espírito mais científico e menos literário.

O segundo capítulo retrata os anos 1930, um marco da história brasileira pela ocorrência de transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. Há o surgimento de novos grupos sociais devido ao crescente processo de industrialização e urbanização. A obtenção do diploma passa ser vista como meio de ascensão social.

Em 1932 com o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, aumenta-se a crítica ao ensino tradicional, visto como verbalista, excludente e individualista e exige-se uma formação integral do

¹ Graduanda em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos. mpmonica@ig.com.br

aluno, sendo esse o centro do processo de ensino-aprendizagem. Anísio Teixeira e Fernando Azevedo foram dois dos principias escolanovistas que marcaram a época.

Os prédios escolares eram marcados pela arquitetura moderna, com salas amplas, arejadas, bem iluminadas, ventiladas, com auditório, biblioteca, instalação médica e dentária, chuveiros, pátios cobertos para recreação e diretoria localizada no centro do edifício.

O terceiro capítulo se refere à consolidação da linguagem moderna nos anos 1950. É neste período que os ideais da Escola Nova se tornam mais fortes. Os autores realizam uma excelente retomada dos pioneiros da Escola Nova, dando maior enfoque aos principias de seus representantes, sendo eles Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo.

Estes escolanovistas defendiam uma formação integral do educando, sendo a criança o centro do processo de ensino-aprendizagem e também eram contrários à educação tradicional considerando-a elitista. Por causa dessa característica elitista da escola, Anísio Teixeira era a favor de construir escolas nas periferias, lutando por uma instrução popular. Uma grande preocupação da época era com o déficit de vagas nas escolas, devido ao crescimento populacional urbano.

Para o atendimento de todas essas novas exigências foi necessária a construção de novos prédios, tendo educadores e arquitetos na elaboração dos projetos. A estrutura dos Grupos Escolares passou a ser dividida em blocos, contendo o bloco de ensino com as salas de aulas, bloco administrativo e o bloco de recreação.

No quarto e último capítulo os autores realizam uma exposição sobre os anos 1960, mostrando o fim do Convênio Escolar, o conflito entre Estado e Município, o ensino precário, a deterioração progressiva da escola primária paulista e o grande número de pessoas em idade escolar sem vagas nas escolas.

Esse momento foi marcado pelo afastamento entre educadores e arquitetos, alguns prédios apresentavam certa imponência, mas eram marcados por falhas no seu interior. Alguns poucos edifícios de Grupo Escolar eram monumentais, mas perderam sua identificação, sua “cara” de escola podendo ser confundido com outros edifícios públicos. O período foi marcado por grandes avanços arquitetônicos, porém não pedagógicos. Nos anos 1970 com a Lei 5692/71, que reunia primário e ginásio, os grupos escolares foram extintos.

O livro permite ao leitor uma reflexão sobre o sistema educacional brasileiro, suas propostas pedagógicas e organização do espaço escolar apontando influências políticas, econômicas, sociais e culturais. Hélio Duarte assinala que, “o trabalho de um arquiteto é sempre uma obra educacional ainda que não seja ele um professor. Entretanto, quando se juntam mestre e arquiteto então uma obra poderá ser duplamente exaltada”. (DUARTE apud BUFFA; PINTO, 2002, p. 93). Por isso a importância de ressaltar o trabalho conjunto entre arquitetos e educadores, uma união que só tem a contribuir para os projetos de construções escolares e para uma maior compreensão de suas relações mútuas.